



Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias

vol. 21 | 2005
Livro e Iconografia

João B. Ventura, *Bibliotecas e Esfera Pública*, Oeiras, Celta, 2002

Fernando Pinto dos Santos



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/3617>

DOI: 10.4000/cultura.3617

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 janeiro 2005

Paginação: 375-376

ISSN: 0870-4546

Referência eletrónica

Fernando Pinto dos Santos, « João B. Ventura, *Bibliotecas e Esfera Pública*, Oeiras, Celta, 2002 », *Cultura* [Online], vol. 21 | 2005, posto online no dia , consultado a 24 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/3617> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cultura.3617>

Este documento foi criado de forma automática no dia 24 setembro 2020.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

João B. Ventura, *Bibliotecas e Esfera Pública*, Oeiras, Celta, 2002

Fernando Pinto dos Santos

REFERÊNCIA

João B. Ventura, *Bibliotecas e Esfera Pública*, Oeiras, Celta

- 1 No livro de J. B. Ventura, há algumas ideias que nos parece da maior importância reter. Em primeiro lugar, a de que se alguns aspectos podem ser discutidos na sociedade e discutíveis por ela, outros há que apresentam um carácter paradoxal e indiscutivelmente marginal, no sentido de se encontrarem à margem de qualquer reflexão teórica sobre o papel que desempenham na sociedade. É o que acontece relativamente às bibliotecas. Recolhendo, organizando e mediatizando o acesso à informação e a novos conhecimentos, quer com o suporte escrito, quer com o electrónico, a Biblioteca vê-se numa situação paradoxal.
- 2 Desenvolvem-se bibliotecas em geral, públicas, universitárias e escolares; a Rede Nacional de Bibliotecas cresce em todo o País, mostrando ser talvez um dos maiores projectos culturais existentes. No entanto, situação patologicamente habitual, não há uma produção teórica que responda a uma tarefa de reflexão. Também a bibliografia estrangeira, abundante em alguns países (não o diz o autor mas afirmamo-lo nós), como acontece em Espanha e em França, é no nosso país extremamente reduzida. Considera assim o autor, nesta espécie de nota introdutória, que é preciso desmarginalizar os estudos culturais sobre as Bibliotecas.
- 3 Depois J. B. Ventura parte para a análise de um conceito extremamente complexo, que assumiu e talvez ainda hoje assuma diferentes interpretações e definições, ao longo da história e segundo diversos autores: o conceito de "Esfera Pública".
- 4 Um dos autores que trabalhou bastante este conceito foi Habermas, embora na Grécia e em Roma já se falasse em público e privado. Na Grécia, o "público" pode ser ligado ao conceito de democracia da época, ou seja, os homens que exerciam o direito de

cidadania nos discursos da praça pública e na política, nada tinham a ver com as mulheres e os escravos a quem estava vedada toda e qualquer participação bem como todos os direitos. Direitos não tinham, mas em contrapartida tinham o dever de submissão, dominação, e de se apresentarem como propriedade privada dos poderosos, a minoria. Em Roma, o direito estabelecia a oposição entre o público e o privado, no entanto assumindo novos contornos como o da criação da acessibilidade do povo ao espaço público, do qual faziam parte os caminhos, as praças, as fontes e os rios, "locais comuns" ou "públicos", deixados fora do domínio da apropriação privada.

- 5 Continuando o seu roteiro histórico, J. B. Ventura conduz-nos pelos caminhos da Idade Média, até ao coração da Revolução Francesa, no século XVIII. Na Idade Média, a oposição entre público e privado mostra-nos as raízes etimológicas de comunidade, isto é, espaço social que se torna comum e se subtrai à propriedade exclusiva de alguém, independentemente da classe social a que pertence. No entanto, esta comunidade não deixa de representar uma elite que, como tal, continua a ser minoritária.
- 6 A partir do século XV, tudo o que é vida pública sofre uma deslocação da catedral para a corte, ainda que com o mesmo carácter religioso, em termos simbólicos e de representação. O palácio, com as suas festas e torneios era o lugar por excelência da representação, onde se mostrava a grandeza do anfitrião e dos seus convidados. Neste local o povo já podia entrar, mas só podia limitar-se a ver e ouvir sem falar (participar). É assim que surge a categoria do espectador. No século XVIII não há uma auto-representação social mas um conjunto de cidadãos, oriundos da burguesia, arvoram-se em representantes do povo em geral e dos seus interesses, isto é, do bem comum. Surge, assim, uma nova visão de "esfera pública", ligada aos debates literários que, com os ventos da Revolução Francesa a soprarem cada vez mais próximos, se transformava num lugar de debate de ideias de carácter político.
- 7 É o que vai acontecer mais tarde, no século XIX com as Bibliotecas, que se transformam em autênticas tertúlias, locais de confronto e confrontação, algumas vezes, de opiniões. É nesta visão que se inspira a ideia de "esfera pública" de Habermas.

A Esfera Pública Contemporânea: Novas Perspectiva

- 8 A maior parte dos autores contemporâneos reconhece, segundo Ventura, que o conceito de esfera pública de Habermas é indispensável para a teoria crítica social e para a prática democrática. No entanto, como acontece com todas as teorias, também esta não se mostrou pacífica, gerando alguma discordância. E o que acontece segundo J. B. Ventura com Negt e Kluge que, em oposição a Habermas, recusam o ideal normativo de uma esfera pública burguesa, fundada num princípio abstracto de universalidade, contrário a qualquer forma de particularismo o que significa que mais do que um conceito universal, a "esfera pública" é vista como um lugar de encontros e aprendizagens.
- 9 Seria manifestamente fastidioso desfilar o rol de autores a favor e contra as teorias de Habermas ou as mais modernas. Não é esse o nosso objectivo com a indicação da leitura que fizemos da obra *Bibliotecas e Esfera Pública*. No entanto, achamos conveniente lançar uma questão, porventura polémica: em resultado das diversas opiniões dos autores, não se confundirá esfera pública e debate público?

- 10 Talvez possamos responder à questão formulada com uma nova pergunta: em que medida as Bibliotecas Públicas não podem ser consideradas como esfera pública?
- 11 Basta olhar para o papel desempenhado pelas Bibliotecas em meados ou finais do século XIX, para vermos que, com os seus regulamentos, elas acabavam por funcionar quase como locais de debate cultural, sobretudo ao nível da Literatura e da Política. No século XIX não se pode falar em Biblioteca sem lhe associar educação e cultura, factores de progresso e de civilização. Por isso se afirma que a "esfera pública" remete etimologicamente para um conceito especial, isto é, para um conjunto de lugares de sociabilização onde se discute e promove a circulação de ideias e assuntos de interesse comum, como, por exemplo, assuntos da vida local.

Redes Públicas de Bibliotecas

- 12 É com a consciência da importância desta situação, que em 1994 é elaborado o MANIFESTO da UNESCO SOBRE BIBLIOTECAS PÚBLICAS que as declara como o centro local de informação, tornando portanto acessíveis aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os géneros. J. B. Ventura mostra-nos, neste seu livro "Bibliotecas e Esfera Pública" que a Rede Nacional de Bibliotecas Públicas surge a partir do MANIFESTO da UNESCO e tem como finalidade permitir uma maior acessibilidade, não só do ponto de vista espacial como material, a todos os utentes concretamente prestando serviços gratuitos, independentemente do estatuto social, político, ideológico, cultural e religioso.
- 13 Desde 1983, o Programa de Apoio à Rede das Bibliotecas sofreu várias alterações, mas com o mesmo objectivo: o de mostrar que as Bibliotecas tinham uma grande responsabilidade na mudança cultural do país, inclusivamente no aprofundamento dos hábitos de leitura das populações, que os vários estudos existentes mostram representar uma percentagem muito baixa. A partir de 1987 a Rede Nacional de Bibliotecas permite um incremento do acesso à cultura e à leitura, quer de textos impressos quer em suporte electrónico. Esta Rede inscreve-se na lógica da parceria entre o Estado e as Autarquias, o que apresenta um grande êxito, em muitos casos, como acontece com iniciativas de recuperação de edifícios, autênticos marcos que deixaram marcas na história cultural e local, abandonados e degradados, que voltaram a adquirir a sua dignidade, como o "Diana-Bar", na Póvoa de Varzim, antigo café/tertúlia de intelectuais, transformado em "Biblioteca de Praia", para dar um exemplo.

AUTORES

FERNANDO PINTO DOS SANTOS

Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica, Faculdade de Filosofia de Braga. Licenciado em Ensino de Filosofia e Humanidades pela mesma Universidade. Mestre em Ciências da Educação, Ramo de Especialização em História da Educação e da Pedagogia, pela Universidade do

Minho, com a Tese: "A Sociedade Martins Sarmento, Espaço Privado de Leitura Pública: A Importância do Doador na Formação do Leitor". E Professor do Ensino Secundário, em Guimarães.